

[vinheta]

Olá, amantes da arte, está começando mais uma edição do Descriarte, o programa que te apresenta uma nova maneira de experienciar as artes visuais através da audiodescrição. Eu sou Ariel Machado e te guiarei na obra de hoje.

[trilha animada se inicia]

Estamos em dois mil e vinte e dois, ano este em que comemoramos o centenário da semana de 22, momento histórico e que começou graças a jornada incrível de uma personagem que desafiou os moldes do que era arte em seu tempo e cujo nome mudou a história da arte brasileira para sempre: Anitta Malfatti.

Para entendermos melhor o contexto, vamos falar um pouco sobre a história da arte brasileira até aquele período.

Havia no Brasil, desde a sua independência, o projeto de criar uma nova imagem política. O imperador Dom Pedro II acreditava que essa forma de identidade nacional viria pela arte e, na época, para aquela elite, o que era arte era trazer o que os europeus faziam com toques do que "seria o Brasil".

Com isso, a pintura histórica era essencial para essa construção narrativa dos grandes momentos, enquanto a pintura de paisagem era a propaganda perfeita para registrar a natureza e os costumes brasileiros pra inglês ver. E isso, juntamente com os retratos e as naturezas mortas, que são as pinturas de frutas, comidas, flores e etc, se estruturavam com o que chamamos de "pintura acadêmica". Temos também nessa época os pintores viajantes, que vinham para o Brasil, geralmente acompanhados de expedições científicas e tinham uma perspectiva exotizada do Brasil. [voz fica em segundo plano] Nada muito diferente do que acontece hoje em dia. [voz volta a ficar em primeiro plano]

A pintura acadêmica tem algumas características específicas, como a marcação dos claros e escuros, que posteriormente são revestidos com as cores, além de que várias regrinhas sobre perspectiva e que tudo deve simular as que encontramos na natureza... Isto sem cores saturadas demais, com superfície finalizada e que o pincel é tão suave que você nem percebe a textura das pinceladas na tela.

Lá no século XIX, na Europa, ocorrem diversos avanços técnicos que possibilitaram a produção em série, como a fotografia, litografia e a imprensa e, neste período, acontece também a Revolução Industrial, que possibilitou a produção das tintas em tubos. Antigamente, os artistas precisavam estar presos em seus ateliês, pois precisavam produzir as próprias tintas com combinações de vegetais, minerais e extratos animais diversos, mas com a criação dos tubos de tinta, houve uma grande quantidade de matizes em menor tempo que puderam ser criadas e com a liberdade de sair do ateliê e poder pintar em qualquer lugar...

Isso gerou um questionamento da arte, começava a se pensar na arte como por outras perspectivas e é nesse contexto que eclodiram as vanguardas europeias...

O final do século XIX no Brasil foi marcado por grandes transformações políticas, econômicas, sociais e culturais... Em mil oitocentos e oitenta e oito a princesa Isabel assinou a Lei Áurea, abolindo politicamente a escravidão e, com isso, o império perde um dos importantes pilares de sustentação: A aristocracia rural, que se baseava no modo de trabalho escravizado para ter o máximo de lucro possível. Lembrando que isso foi feito sem nenhum tipo de apoio ou restituição à massa de negros escravizados, o que acarretou em diversos problemas que as populações negras sofrem até hoje.

Em quinze de novembro de mil oitocentos e oitenta e nove, a República do Brasil foi proclamada através de um golpe militar, liderado pelo Marechal Deodoro da Fonseca. No momento em que D. Pedro II foi deposto, um novo tempo, uma nova arte deveria surgir... Como nada brota do nada, houve um período de transição, ocasionado pelos artistas brasileiros que viajavam pra Europa, onde tinham contato com as vanguardas europeias e voltavam trazendo diversos estilos como o realismo, romantismo, simbolismo e impressionismo... O que fez surgir aqui o ecletismo, que misturava diversos desses estilos e se manifestou como uma fase de transição, pois já revelava uma reação dos artistas ao que era proposto pela academia.

Havia uma discussão sobre o conceito de “luz local”, em que se dizia que a paleta parisiense não iria refletir a “cor da terra” da realidade e costumes brasileiros. O artista Almeida Júnior, ao pegar elementos do realismo, pintava as cenas de gênero que eram pinturas sobre cenas comuns do cotidiano, do

qual os “tipos brasileiros” eram retratados. Por exemplo, o "caipira", o que chamamos de caipira, o caboclo, o boiadeiro, etc... Porém, com o avanço da tecnologia, a acentuação da diferença das classes sociais e com o fato mais alarmante para o mundo, que foi o impacto da Primeira Guerra Mundial, a vida das pessoas havia mudado muito em pouco tempo e isso era algo que fatalmente seria refletido na arte.

[transição de trilha]

A nossa artista de hoje, Anita Catarina Malfatti, cresce nesse contexto. Nascida em dois de dezembro de mil oitocentos e oitenta e nove na cidade de São Paulo, filha de pai italiano, mãe norte-americana e neta de alemã, Anita era uma artista PCD, uma pessoa com deficiência, pois nasceu com a mão direita atrofiada, por isso pintava com a esquerda, tornando-se canhota por hábito.

Quando o pai de Anita, Samuel Malfatti morre, Betty, mãe de Anita, começa a dar aulas particulares de idiomas e pintura, onde a artista aprendeu a pintar. A pintura era parte da formação das moças em sua origem social na época, mas sempre uma pintura agradável, suave... Um exemplo disso é o considerado seu primeiro quadro oficial, "O burrinho correndo", que consiste na retratação de um burro marrom em pleno trote e olhando para o espectador. A obra surge quando seu irmão pede que ela copiasse a capa de uma revista de agricultura.

Como a situação financeira da família não era a melhor, seu tio a ajuda a estudar na Europa e Anita se muda para Alemanha, com algumas amigas, e entra em contato com as pinturas dos expressionistas alemães, das quais ela se apaixona pelo uso da cor... A artista fica encantada especialmente pela obra do Lowis Corinth e decide ter aulas com ele. Ela relatava a experiência dizendo que: [voz fica em segundo plano] "Os acontecimentos precipitaram-se tão depressa que eu me lembro de ter vivido dentro de um sonho. Comprei incontinentemente uma porção de tintas e a festa começou". [voz volta a ficar em primeiro plano]

O movimento que havia inspirado Anita Malfatti na Europa era o expressionismo... Uma das principais características das pinturas expressionistas era transmitir o mundo da maneira como sentido pelos

pintores, com a representação de certos conflitos psicológicos, sendo comum o retrato de pessoas com aparência estranha... O que indica um estado mental afetado.

O uso constante de figuras humanas solitárias e em estado de solidão ou miséria que marcou o movimento, é nada mais que o resultado da onda de angústia e ansiedade que tomava o círculo intelectual da Europa durante os anos que antecederam a Primeira Guerra Mundial, mil novecentos e quatorze à mil novecentos e dezoito. O expressionismo surgiu como uma forma de demonstrar o estado interior dos indivíduos da época e como se sentiam isolados e alienados da nova sociedade moderna e industrializada. Era naquela arte, com intenso contraste nas cores e gestos expressivos, que Anita Malfatti havia se encontrado.

Em mil novecentos e quatorze, quando a Primeira Guerra Mundial estoura e a artista volta ao Brasil, sua família fica um pouco chocada... Esperavam dela uma pintura graciosa, como de ramos de flor e diziam que Anita havia tido um professor que a fez ter [voz grossa] "pinturas de homem, não de mulher". Estimularam então que ela fosse em mil novecentos e quinze aos Estados Unidos para [voz grossa] "conseguir uma técnica mais delicada". O que não deu certo... Suas experimentações com a pintura apenas se tornaram ainda mais presentes.

Ela não pintava tudo da tela, deixava algumas partes desocupadas e suas pinceladas são bem marcadas, conseguimos quase reproduzir os gestos da artista. Ela usa as cores com liberdade, deixando bem saturada, bem viva para representar algum sentimento. Nos Estados Unidos, sua pincelada ficou ainda mais livre e com o gesto mais solto, mais luminosidade na tela... "O farol" é uma das principais telas dessa temporada estadunidense.

Neste quadro, temos uma paisagem com farol como objeto principal da cena, com algumas casinhas ao lado e uma vegetação na frente de tudo, com montanhas bem verdes e o céu ao fundo cheio de nuvens. As formas são bem geométricas, com contornos bem marcados, distante de como é, de fato, na natureza, onde vemos as coisas com contornos mais suaves... As cores são do jeito que saem do tubo, sem misturas e o quadro parece achatado, todo no primeiro plano, sem muita profundidade. Há a liberdade da expectativa de simular a realidade.

[trilha fica mais alta, transição de trilha alegre]

É dito que duas exposições foram os marcos iniciais do modernismo brasileiro, uma começa a plantar as ideias entre os artistas e outra o verdadeiro estopim. A primeira foi a exposição de Lasar Segall, artista lituano e judeu em mil novecentos e treze. O artista era um expressionista que conviveu com grandes nomes do expressionismo e, em mil novecentos e vinte e três, mudou-se definitivamente para o Brasil, escapando do nazismo. Porém, como Mário de Andrade escreve: "O Brasil não viu Lasar Segall, pois o Brasil estava demasiado imerso na arte acadêmica". E foi a nossa personagem de hoje, Anita Malfatti que retorna a São Paulo e faz uma exposição em mil novecentos e dezessete que seria o verdadeiro estopim da arte moderna. Mal sabia ela que, por conta de sua coragem de expor seus trabalhos apesar das críticas familiares, o destino da arte brasileira estava prestes a mudar para sempre.

Hobsbawn nos lembra que houve uma grande aceleração da modernização de países majoritariamente agrários no pós-revolução de outubro em mil novecentos e dezessete. A Revolução Russa influenciou outros países do mundo, inclusive o Brasil, que em mil novecentos e dezessete viu a greve geral dos operários eclodir em São Paulo.

Anita, que queria viver de pintura, organizou seus quadros e sua exposição ocorreu entre doze de dezembro de mil novecentos e dezessete e onze de janeiro de mil novecentos e dezoito. Anita recebeu muita gente que ficou entusiasmada com suas peças... Chegou a vender quadros até que... Em vinte de dezembro de mil novecentos e dezessete, o escritor Monteiro Lobato escreveu pra uma coluna no Estado de São Paulo o artigo: [voz grossa] "A propósito da exposição Malfatti" que, posteriormente, seria conhecido sob o título [voz grossa] "Paranóia ou mistificação". Alguns trechos desse artigo diziam:

[voz grossa] *"Há duas espécies de artistas: uma composta dos que vêm as coisas e em consequência fazem arte pura, guardados os eternos ritmos da vida e adotados para a concretização das emoções estéticas. Os processos clássicos dos grandes mestres. [...] A outra espécie é formada dos que vêm anormalmente a natureza e a interpretam à luz das teorias efêmeras, sob a sugestão estrábica de escolas rebeldes surgidas cá e lá"... [risos] É muito*

pedante... Muito pedante. "[...] surgidas cá e lá como furúnculos da cultura excessiva. São produtos do cansaço e do sadismo de todos os períodos de decadência, são frutos de fim de estação, bichados ao nascedouro, estrelas cadentes, brilham um instante as mais das vezes com a luz do escândalo e somem-se logo nas trevas do esquecimento. Embora se dêem como novos, como precursores de uma arte a vir, nada é mais velho do que a arte anormal ou teratológica... Nasceu como a paranóia e a mistificação de há muito o que estudam os psiquiatras em seus tratados, documentando-se nos inúmeros desenhos que ornaram as paredes internas dos manicômios. A única diferença reside em que, nos manicômios, essa arte é sincera, produto lógico dos cérebros transtornados pelas mais estranhas psicoses. E fora deles, nas exposições públicas zabumbadas pela imprensa partidária, mas não absorvidas pelo público que compra, não há sinceridade nenhuma, nem nenhuma lógica... Sendo tudo mistificação pura. Todas as artes são regidas por princípios imutáveis".

Ai, não vou ler isso, não, cansei de você... Pode botar isso, cansei de você, Monteiro Lobato, cansei. Ouvinte, depois pesquise...

Monteiro Lobato estava, basicamente, esculachando os modernistas e aproveitando a pobre da Anita Malfatti como bode expiatório. Ele também diz no artigo: [voz grossa] "Essa artista possui um talento vigoroso, fora do comum... Poucas vezes, através de uma obra torcida em má direção se notam tantas e tão preciosas qualidades latentes. Entretanto, seduzida pelas teorias do que ela chama "arte moderna", penetrou nos domínios de um impressionismo discutibilíssimo e pôs todo o seu talento a serviço duma nova espécie de caricatura". Ele basicamente dizia: "Menina, tu é boa, sai desse rumo aí" Ele continua o texto falando que [voz grossa] "o verdadeiro amigo de um pintor é quem é sincero e não só quem bajula" e dizendo que os homens que apenas elogiavam a Anita estavam cheios de um cavalherismo nocivo...

Bom, na época, a crítica acertou em cheio a Anita. Pense, ouvinte: Você é jovem, tá acreditando no seu sonho, sua família já tá meio contra... Seu tio que te financia diz que suas telas são dantescas e ainda por cima um cara super reconhecido no meio literário massacra sua exposição... Ela ficou arrasada e, pra piorar, cinco das oito telas que haviam sido vendidas foram

devolvidas. Mas Anita não estava sozinha em seu vanguardismo e muitos artistas viram, naquela oportunidade, a força que precisavam para se unir em prol de modernizar a arte brasileira.

Houve uma troca de artigos, que era basicamente o Twitter da época, em que o Oswald de Andrade defendeu a Anita e diversos outros artistas que queriam uma atualização da arte e se aglutinaram ao redor dela para protegê-la. Mesmo assim, a Anita ficou muito triste, se sentindo retraída e ela não desistiu de pintar, afirmando: "se eu não puder pintar, eu morro", mas algo havia secado um pouco dentro dela...

Mário de Andrade, que se tornou seu melhor amigo, [voz fica em segundo plano] e depois seu desafeto [voz volta a ficar em primeiro plano] afirmou na época que: "Foram os quadros de Anita que nos deram essa primeira consciência de revolta". Na época, com certeza ela não imaginava que cinco anos depois ela estaria desafiando novamente o que o Brasil considerava arte.

[transição de vinheta, trilha animada se inicia]

O pessoal tava muito empolgado pra fazer nascer uma arte de caráter nacional. Ao final de mil novecentos e vinte e um, contando com a grana de Paulo Prado e o apadrinhamento intelectual do escritor Graça Aranha, alugaram o Theatro [voz fica em segundo plano] Com "TH". [voz volta a ficar em primeiro plano] Municipal como palco para sua festa. A casa da tradição para mostrar o que é vanguarda. Citando Minotti del Piccha, participante e idealizador da semana:

Minotti del Picha: "A semana de arte moderna nasceu no momento em que o mundo assistia ao fim de uma grande guerra e tudo se renovava nas estruturas, quer mentais, quer políticas do próprio mundo. E os grandes pensadores lançavam novas ideias."

Citando a pesquisadora e crítica de arte Aracy Amaral no documentário da TV Cultura:

Aracy Amaral: "Não se entende o modernismo fora das grandes cidades... O Modernismo ocorre com o início da eletrificação das cidades, eletrificação das ruas, dos bares, dos cafés iluminados à noite, propiciando um convívio que antes era inexistente, impossível... As pessoas tendo a possibilidade, digamos assim, de trabalhar fora das horas que o sol se põe".

O ano escolhido para a novidade? Mil novecentos e vinte e dois, junto com o centenário da independência. Os modernistas adoram uma metáfora... E queriam declarar o rompimento com o tradicionalismo cultural e a defesa com a independência do artista a partir de um novo ponto de vista estético. Foi o evento que reuniu todas as artes e várias tendências artísticas. A unidade estilística não foi o critério e sim a insatisfação com a arte acadêmica.

A elite cafeeira paulista foi a grande financiadora do evento, pois tinham interesse em posicionar São Paulo como um centro cultural do país. A divulgação foi feita nos jornais, muito porque diversos escritores participantes da semana também trabalhavam nas redações, como o próprio Oswald, ou tinham relações de amizade com os seus proprietários.

Mesmo sendo chamada de "semana", o evento ocorreu em três dias: treze, segunda-feira, quinze, na quarta-feira e dezessete de fevereiro, na sexta... Provando, como disse um crítico da época, que os modernistas não eram supersticiosos.

[fim da trilha animada e trilha de ruídos ambientes se inicia]

[som ao fundo de algumas pessoas falando ao mesmo tempo] Imagine agora, ouvinte que estamos em pleno Theatro Municipal, entramos em um ambiente suntuoso, com tapetes vermelhos e seu palco consagrado.

Vem, senta aqui do meu lado. O assento que estamos está bem de frente para o palco. Coloquei sua mão aqui, no braço da poltrona, pra você sentar... [efeito sonoro de campainha] Acho que já vai começar...

Ato 1: Cheio de graça.

[trilha tranquila se inicia]

Enquanto as apresentações literárias e musicais ocorriam, o saguão fervia com a exposição de artes visuais. Anita estava extasiada, disse que “no saguão do teatro tudo era revolucionário, tudo diferente”. Havia inúmeras pinturas, de diversos artistas... Vamos aproveitar então para falar sobre uma pintura de Anita, a obra chamada "O homem amarelo".

É uma pintura figurativa, não realista, que possui cinquenta e um centímetros por sessenta e um centímetros. Aproximadamente o tamanho do seu ombro até a ponta dos seus dedos.

Nesta tela, o contorno é bem marcado em preto e a imagem sem profundidade passa a impressão de achatada em 2D. Temos um homem de aproximadamente uns quarenta anos vestindo um terno, seu rosto tem um formato de losango, com testa grande e queixo pequeno. Ele tem cabelo preto, curto, liso e penteado de lado. Sua pele é amarelada, na qual as sombras são feitas com tons arroxeados e laranja escuro. Ele está com seu dorso inclinado para a direita, enquanto a cabeça está inclinada levemente para a esquerda do observador. Enquanto olha para um ponto fora da tela, seus braços estão arqueados, como se estivesse se apoiando no encosto de um banco, passando uma postura tensa.

Seu rosto é anguloso, com uma testa grande, espessas sobrancelhas pretas em forma de um acento circunflexo e seus olhos castanhos estão com o que seria a parte branca do olho num tom avermelhado. Seu nariz é sugerido por um V acima da boca pequena, pintada de vermelho e sua barba está por fazer, sua orelha direita está proeminente. Ele está usando um paletó marrom amarrotado, cuja lapela está alta demais, quase roçando sua bochecha e está folgado no homem, não foi feito sob medida... Demonstrando, assim, sua classe social mais baixa.

Por dentro do paletó, vemos a blusa social branca embaixo da casaca e gravata preta e amarela, que faz uma ligeira curva para a direita. A manga de sua blusa social aparece abaixo da manga do paletó marrom e as mãos do homem são de um tom marrom mais claro, induzindo o observador a perceber

que a luz da tela está no rosto do homem. O fundo é composto por pinceladas laranjas do lado direito da tela, tendo uma tonalidade mais amarelada do lado esquerdo e uma mancha preta representando a sombra do homem.

Segundo Anita, o retratado era um imigrante italiano, pobre, que pediu para posar pra ela. Ele traz uma aguda melancolia em seu olhar vago e distante...

[fim da trilha tranquila e trilha com predominância de guitarra se inicia]

De volta ao primeiro dia da Semana de Arte Moderna, Graça Aranha trouxe o patronato, os figurões que iriam patrocinar e comprar as obras de arte ali expostas. Como a pesquisadora Maria Eugênia Boaventura nos explica, o grupo modernista se confundia com a elite paulistana e estavam convictos que eram os guias de “um movimento tão sério que é capaz de educar o Brasil e curá-lo do analfabetismo letrado”. Sentenciava Oswald e concluía o exultante Menotti: “Mais uma vez se justifica o lema do brasão da cidade dos bandeirantes: non ducor, duco!” Este que é o lema do brasão de São Paulo que diz: “Não sou conduzido, conduzo”. Conseguimos ver que tá todo mundo muito animado, cheios de expectativa e aguardando o discurso de Graça Aranha, que era o mais famoso entre todos eles... Era bem respeitado pela elite.

Graça Aranha fez a abertura do evento com a conferência intitulada: [voz grossa] “A emoção estética da arte moderna”. Ele foi ouvido respeitosamente pelo público, obtendo até aplausos, que não se repetiriam posteriormente.

[trilha fica mais alta e para]

Ato 2: O coachar dos sapos

[efeito sonoro de sapo]

Agora o cenário mudou, estamos na segunda noite e Ronald Carvalho irá declamar o poema “Os sapos”, de Manuel Bandeira.

Voz desconhecida: Enfunando os papos,
Saem da penumbra, Aos pulos, os sapos.
A luz os deslumbra.

Em ronco que aterra,
Berra o sapo-boi:
- "Meu pai foi à guerra!"
- "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!".

O sapo-tanoeiro,
Parnasiano aguado,
Diz: - "Meu cancionero
É bem martelado.

Vede como primo
Em comer os hiatos!
Que arte! E nunca rimo
Os termos cognatos.

O meu verso é bom
Frumento sem joio.
Faço rimas com
Consoantes de apoio.

Vai por cinquenta anos
Que lhes dei a norma:
Reduzi sem danos
A fôrmas a forma.

Clame a saporaria
Em críticas cétricas:
Não há mais poesia,
Mas há artes poéticas..."

Urra o sapo-boi:
- "Meu pai foi rei!" - "Foi!"
- "Não foi!" - "Foi!" - "Não foi!".

Brada em um assomo
O sapo-tanoeiro:
- A grande arte é como
Lavor de joalheiro.

Ou bem de estatuário.
Tudo quanto é belo,
Tudo quanto é vário,
Canta no martelo".

Outros, sapos-pipas
(Um mal em si cabe),
Falam pelas tripas,
- "Sei!" - "Não sabe!" - "Sabe!".

Longe dessa grita,
Lá onde mais densa
A noite infinita
Veste a sombra imensa;

Lá, fugido ao mundo,
Sem glória, sem fé,
No perau profundo
E solitário, é

Que soluças tu,
Transido de frio,
Sapo-cururu
Da beira do rio..."

Esse poema recebeu vaias e mais vaias... Acontece que essa poesia era um grande deboche com os poetas parnasianos. O Parnasianismo é um movimento literário que no Brasil se opunha ao romantismo e tinha como características a linguagem objetiva, predomínio de vocabulário considerado culto e formal, busca pela tradição clássica greco-romana e que buscava a "poesia perfeita". Obviamente era o estilo acadêmico adorado na época... O poema do Manuel Bandeira reproduz a métrica regular e a preocupação com a sonoridade, que são essências parnasianas, justamente para criticar e rejeitá-las, fazendo uma ironia e uma paródia.

Citando Rebeca Furks: Os sapos mencionados, o boi, o tanoeiro, o pipa são metáforas dos diferentes tipos de poetas parnasianos. Enquanto o sapo-cururu, que aspira por liberdade e simplicidade, é a representação do poeta modernista. A criação de Bandeira foi tão essencial para os modernistas que Sérgio Buarque de Holanda chegou a definir Os Sapos como o hino nacional do modernismo.

As vaias foram crescendo no saguão, até que alguém da plateia latiu... Ronald de Carvalho prontamente reagiu, segue trecho do documentário da TV cultura em que Minotti del Piccha nos conta o que aconteceu.

Minotti del Picha: "Quando chegou no Ronald de Carvalho, que tinha vindo com Graça Aranha, bonito, simpaticado pela plateia, alguém latiu como cachorro lá de cima da plateia... Ele impávido disse "Meus senhores e minhas senhoras, há um cachorro aqui dentro, ele não está do nosso lado, está do lado de lá".

Depois de Os sapos, Mário de Andrade subiu ao palco trazendo seu poema “Ode ao burguês”. O termo “ode” significa normalmente uma homenagem, mas aqui Andrade utiliza pra fazer deboche, ao transformar “ode” em “ódio”. A questão era que a própria plateia era o alvo de versos da poesia como:

Voz desconhecida:

"Eu insulto o burguês! O burguês-níquel,
o burguês-burguês!
A digestão bem-feita de São Paulo!
O homem-curva! o homem-nádegas!
O homem que sendo francês, brasileiro, italiano,
é sempre um cauteloso pouco-a-pouco!"

Ou como:

Voz desconhecida:

Ódio e insulto! Ódio e raiva! Ódio e mais ódio!
Morte ao burguês de gijolhos,
cheirando religião e que não crê em Deus!
Ódio vermelho! Ódio fecundo! Ódio cíclico!
Ódio fundamento, sem perdão! Fora! Fu! Fora o bom burguês!...
A grande confusão da plateia só se acalmou com as apresentações que encerraram o dia: números de dança de Yvonne Daumerie e o concerto de piano de Guiomar Novais.

Ato 3: Os cães e lobos

[trilha animada com instrumentos de sopro se inicia]

O evento de encerramento da semana foi dedicado à música, Villa-Lobos, mesmo tendo recebido uma formação musical conservadora no Instituto Nacional de Música saía dessa fórmula, pois incorporava os elementos

folclóricos derivados das pesquisas em que havia feito, tanto no nordeste quanto no sul do Brasil. Isso lhe rendia muitas críticas já na época.

Como diria Villa-Lobos, em discurso em João Pessoa em mil novecentos e cinquenta e um: "A minha música é o reflexo da sinceridade. No princípio sofri, naturalmente, com a revolta daqueles que se agarravam à tradição, daqueles que não se encontravam a si próprios, daqueles que nunca se miraram no espelho da sua própria consciência procurando a fisionomia da sua própria raça".

Era a primeira vez que um palco, considerado erudito, receberia Villa-Lobos, que usava elementos de canções populares e indígenas em suas composições. Vamos tocar um trequinho de "danças africanas", música tocada durante a semana.

[trecho da música]

As pessoas ouviam a composição com aquela cara de "ué", pois era algo novo... Até que olharam para baixo: Villa-Lobos que vestia casaca e calça social estava, pasmem, de chinelos... A plateia achando que era mais um deboche, vaiou... Mas na verdade Villa-Lobos estava com calo no pé e por isso usou chinelo.

Alguns críticos, posteriormente, arrotaram racismo ao falar que as [voz grossa] "danças africanas eram demasiadamente africanas" de uma forma de insultar, mas os modernistas já bem sabiam que os cães que vão não mordem e que eles haviam marcado um divisor de águas na história brasileira.

No próximo bloco, que já está disponível no seu feed, discutiremos sobre o que aconteceu depois da semana de vinte e dois e você vai poder conhecer mais dessa história e como três dias que foram considerados uma festa bagunçada por muitos críticos de arte da época se tornou um marco na arte nacional.